

03.10.2012

Para ver imagens e tabelas: modo layout da página

Edição e Seleção

*Samuel Gomes
Jeferson Manhães*

BRASIL

JORNAL DO SENADO

Representação Brasileira debate saídas para Parlasul

Questões como a suspensão do Paraguai e a entrada da Venezuela no Mercosul podem estar na pauta da próxima reunião do grupo, que também deve debater isenção de IPI para equipamentos agrícolas

Parlamentares também vão examinar incentivos a setor agrícola

Projeto de isenção de imposto na compra de equipamentos agrícolas está na pauta da próxima reunião da Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul (Parlasul), prevista para daqui a duas semanas. Mas o próprio futuro do órgão legislativo também poderá ser debatido.

Os integrantes da representação só participaram de uma sessão do Parlasul, em dezembro do ano passado, em Montevideu, no Uruguai, quando tomaram posse como parlamentares do bloco.

As sessões deveriam ter sido retomadas em março, com a posse dos novos integrantes da Representação Argentina. No entanto, não houve consenso entre a Câmara e o Senado daquele país sobre quantos membros de cada Casa integrariam a representação, a ser composta por 26 parlamentares. E os argentinos não chegaram a tomar posse.

Em 2012, chegou a haver uma tentativa de realização de sessão do parlamento, depois da deposição do presidente paraguaio, Fernando Lugo — que levou à suspensão do Paraguai do

Representação Brasileira no Parlamento do MERCOSUL

Presidente: Senador Roberto Requião

Vice – Presidente: Deputado Mendes Thame

Vice – Presidente: Senadora Ana Amélia

Para maiores informações visite a nossa página:

<http://www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-mistas/cpcms>

Mercosul. Como os integrantes paraguaios, únicos eleitos diretamente para o Parlasul, insistiram em participar da sessão, ocorreu um impasse.

Além disso, sem que haja uma nova sessão, não podem tomar posse os parlamentares que vierem a ser indicados pela Venezuela, oficialmente incluída no Mercosul após a suspensão do Paraguai.

Quanto ao Projeto de Lei do Senado (PLS) 35/10, que está na pauta da Representação Brasileira, trata-se de uma proposta de isenção do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) para a aquisição de equipamentos agrícolas.

O texto a ser analisado é um substitutivo elaborado pelo relator, deputado George Hilton (PRB-MG), à proposta do senador licenciado Acir Gurgacz (PDT-RO).

O presidente da representação, senador Roberto Requião (PMDB-PR), concedeu vista coletiva do substitutivo em 10 de julho, e o texto seria votado em reunião prevista para 7 de agosto. Como não houve quórum, a votação foi suspensa e deverá ser retomada no dia 16, durante a próxima semana de esforço concentrado do Congresso.

Fonte: <http://www12.senado.gov.br/noticias/jornal/edicoes/2012/10/03/jornal.pdf>

Venezuela: indicações depois da eleição

Após o resultado das eleições presidenciais na Venezuela, marcadas para o próximo domingo, o Legislativo do país deverá indicar os representantes no Parlasul. Segundo cálculos extraoficiais, os venezuelanos passarão a ser representados, na atual fase de implantação do parlamento, por 22 integrantes, junto aos 18 do Uruguai, 26 da Argentina e 37 do Brasil.

Para que o Parlasul retome as atividades, terão de tomar posse os novos integrantes das representações da Argentina e da Venezuela. Ainda não há, porém, certeza sobre quem presidirá essa sessão.

Quem preside o parlamento é Ignacio Unzain, indicado pelo Paraguai — país que está suspenso do Mercosul. Nos últimos meses, os argentinos têm indicado que não participarão de uma sessão na

Representação Brasileira no Parlamento do MERCOSUL

Presidente: Senador Roberto Requião

Vice – Presidente: Deputado Mendes Thame

Vice – Presidente: Senadora Ana Amélia

Para maiores informações visite a nossa página:

<http://www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-mistas/cpcms>

qual estejam os paraguaios. Já os venezuelanos representam um país cuja presença no bloco não foi aprovada pelo Paraguai.

A solução para o impasse pode começar a ser desenhada durante viagem ao México do presidente da Representação Brasileira, Roberto Requião. De 18 a 20 de outubro, o senador participará do Fórum de Guadalajara, quando serão discutidos os efeitos da crise econômica global sobre a região. Ali estarão também parlamentares dos demais países do Mercosul.

Fonte: <http://www12.senado.gov.br/noticias/jornal/edicoes/2012/10/03/venezuela-indicacoes-depois-da-eleicao>

AGÊNCIA CÂMARA

Renovação das concessões do setor elétrico gera polêmica no Congresso

A medida provisória (MP 579) que vai resultar em uma redução de mais de 16% nas contas de luz a partir de 2013 tem gerado um intenso debate no Congresso em relação a um outro ponto do texto: a renovação das concessões do setor elétrico que estão vencendo nos próximos anos. Este ponto é o alvo da maior parte das 431 emendas apresentadas pelos parlamentares à MP.

Tatto: para quem está reclamando da redução da tarifa, o governo fala: não tem problema, devolve a concessão. Um dos pontos de questionamento são as condicionantes de novas redução tarifárias associadas às renovações. O líder do PT na Câmara e presidente da comissão especial que vai analisar a medida, deputado Jilmar Tatto (SP), disse que as empresas terão a opção de não aceitar essas condicionantes.

"Para aqueles que estão chiando, que não querem reduzir a tarifa, o governo fala: não tem problema, devolve que a gente faz o leilão. Penso que foi uma grande tacada da presidenta Dilma reduzir a tarifa da energia elétrica. Isso é bom em todos os sentidos. Para o bolso do consumidor e para reduzir o custo Brasil", defendeu Tatto.

Nesta quinta-feira (27), o secretário do Ministério de Minas e Energia, Márcio Zimmermann, disse que será mantido o prazo do dia 15 de outubro para que as empresas manifestem seu interesse na renovação. Algumas emendas apresentadas buscam dilatar esse prazo até que todas as regulamentações da MP tenham sido publicadas.

Licitações

Representação Brasileira no Parlamento do MERCOSUL

Presidente: Senador Roberto Requião

Vice – Presidente: Deputado Mendes Thame

Vice – Presidente: Senadora Ana Amélia

Para maiores informações visite a nossa página:

<http://www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-mistas/cpcms>

Campos quer discutir a indenização dos investimentos feitos pelas empresas. Alguns deputados, como Sandro Mabel (PMDB-GO) e João Magalhães (PMDB-MG), apresentaram emendas para que as geradoras de energia que vão participar de novas licitações não tenham que se submeter às condicionantes das empresas que vão ter a renovação. Segundo eles, estas condições podem ser colocadas nos editais das licitações.

Entre as emendas apresentadas pelo líder do PSD, deputado Guilherme Campos (SP), está uma que busca uma discussão maior sobre a indenização dos investimentos das empresas que ainda não foram quitados. Outros deputados também pretendem facilitar a migração dos consumidores do chamado mercado livre para o mercado regulado de energia.

Na consultoria legislativa da Câmara existem trabalhos que questionam a constitucionalidade da renovação das concessões sem nova licitação.

Fonte: <http://www2.camara.gov.br/agencia/noticias/ADMINISTRACAO-PUBLICA/426874-RENOVACAO-DAS-CONCESSOES-DO-SETOR-ELETRICO-GERA-POLEMICA-NO-CONGRESSO.html>

Parlamentares querem prorrogar prazo para setor elétrico definir concessão

Por: Brizza Cavalcante

Deputados e senadores estão preocupados com os prazos dados pela Medida Provisória 579/12 para que os concessionários de energia elétrica (empresas de geração, transmissão e distribuição) optem pelas condições de prorrogação dos contratos previstas na MP e no decreto de regulamentação (7805/12).

Sandro Mabel propõe prazo de 180 dias após a sanção da MP 579. Segundo a MP, as empresas têm até o dia 15 de outubro para dizer se desejam continuar com suas concessões por mais 20 a 30 anos, dependendo do caso.

O problema é que, até lá, a Câmara e o Senado dificilmente conseguirão aprovar o texto final da MP, cujas regras gerais para renovação podem ser modificadas durante a tramitação.

Representação Brasileira no Parlamento do MERCOSUL

Presidente: Senador Roberto Requião

Vice – Presidente: Deputado Mendes Thame

Vice – Presidente: Senadora Ana Amélia

Para maiores informações visite a nossa página:

<http://www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-mistas/cpcms>

A comissão mista encarregada de analisar a MP somente será instalada após o primeiro turno das eleições municipais, marcado para 7 de outubro. Com isso, as empresas terão que decidir, até o meio de outubro, se optam por concordar com as condições de prorrogação que só serão definidas, na prática, após a aprovação da MP 579.

Condições de renovação

Entre as condições para renovação que podem ser revistas pelos deputados e senadores estão a tarifa que geradoras e transmissoras poderão cobrar, a indenização que receberão do governo para os bens não amortizados e os novos padrões de qualidade a ser seguidos. Das 431 emendas apresentadas pelos congressistas, boa parte altera essas condições.

A situação afeta mais as transmissoras e as geradoras, incluindo as de capital público, como Furnas e Companhia Energética de São Paulo (Cesp). O decreto de regulamentação estabeleceu que, até o dia 1º de novembro, o Ministério de Minas e Energia vai divulgar o valor das tarifas que elas poderão cobrar. Segundo o governo, a MP atinge 25% do parque gerador do País e 85 mil km de linhas de transmissão.

Nesta quinta-feira (27), o secretário-executivo do Ministério de Minas e Energia, Márcio Zimmermann, afirmou, em evento realizado pela Associação Brasileira dos Produtores Independentes de Energia Elétrica (Apine), que o governo não vai mexer nas datas previstas na MP.

Emendas

Já os parlamentares apresentaram emendas estendendo os prazos. Os números variam: o deputado Sandro Mabel (PMDB-GO), por exemplo, quer que a concessionária tenha até 180 dias, após a sanção da MP 579, para decidir se concorda com as condições da renovação, o que jogaria o prazo para o meio de 2013.

“Entendo que a MP traz um tempo muito pequeno para uma análise que implicaria investimentos e obrigações relevantes”, afirmou Mabel.

Os senadores José Agripino (DEM-RN) e Wilder Moraes (DEM-GO) pedem 90 dias após a sanção. Já as emendas dos deputados Arnaldo Jardim (PPS-SP), José Otávio Germano (PP-RS), Eduardo Gomes (PSDB-TO) e Antonio Imbassahy (PSDB-BA) condicionam a decisão por parte da empresa à prévia divulgação, pelo ministério, das condições da prorrogação, como o valor da indenização e das tarifas.

Representação Brasileira no Parlamento do MERCOSUL

Presidente: Senador Roberto Requião

Vice – Presidente: Deputado Mendes Thame

Vice – Presidente: Senadora Ana Amélia

Para maiores informações visite a nossa página:

<http://www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-mistas/cpcms>

Eduardo Gomes: concessionários devem ter conhecimento prévio das regras. "Antes de qualquer tomada de decisão, os concessionários devem ter a segurança que somente advém do conhecimento pleno e prévio das regras", disse Eduardo Gomes.

As emendas serão analisadas por um relator que ainda não foi indicado, mas já está definido que será um senador. Por causa da importância da matéria, o governo quer um nome do bloco de apoio no Senado, que inclui PT, PDT, PSB, PCdoB e PRB, mas há um movimento em favor da indicação do senador Armando Monteiro (PTB-PE), do bloco União e Força (PTB, PR e PSC).

A presidência da comissão mista deverá ficar com o líder do PT na Câmara, deputado Jilmar Tatto (SP), nome ainda não oficializado.

Redução de tarifa

A MP 579 permite a prorrogação de concessões de geração, transmissão e distribuição cujos prazos de outorga começam a vencer a partir de 2015. As concessões que não forem prorrogadas serão licitadas. Além da renovação de contratos, o texto extingue encargos setoriais, como a Reserva Global de Reversão (RGR), que hoje incidem sobre a conta de luz e encarecem o valor pago pelos consumidores.

Segundo o governo, as duas medidas – redução dos encargos e prorrogação dos contratos dos concessionários – reduzirão o valor das tarifas, em média, em 20,2%, variando de 16,2% para consumidores residenciais e pequeno comércio até 28% para grandes consumidores industriais.

Fonte: <http://www2.camara.gov.br/agencia/noticias/ADMINISTRACAO-PUBLICA/426903-PARLAMENTARES-QUEREM-PRORROGAR-PRAZO-PARA-SETOR-ELETRICO-DEFINIR-CONCESSAO.html>

BBC BRASIL

Brasil foi último 'almoço grátis' de bancos no mundo, diz Dilma a jornal

A presidente Dilma Rousseff disse em entrevista publicada nesta quarta-feira por um jornal britânico que o Brasil foi o último "almoço grátis" no mundo para os bancos internacionais, e que o futuro brasileiro está em atividades produtivas que "fazem bem ao país".

Representação Brasileira no Parlamento do MERCOSUL

Presidente: Senador Roberto Requião

Vice – Presidente: Deputado Mendes Thame

Vice – Presidente: Senadora Ana Amélia

Para maiores informações visite a nossa página:

<http://www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-mistas/cpcms>

Em entrevista concedida ao jornal econômico "Financial Times", Dilma fez referência à queda da taxa de juros durante o seu governo, que diminuiu a rentabilidade dos bancos que operam no Brasil e incentivou setores produtivos como a indústria.

A entrevista, assinada pelo correspondente do jornal em São Paulo, Joe Leahy, diz: "O Brasil foi o último almoço grátis no mundo para os bancos, afirma ela [Dilma], em referência aos altos juros que eles cobram aqui de seus clientes."

Dilma disse ao jornal: "Nós estamos voltando a um patamar com níveis normais de lucratividade. Isso significa que alguns de nós terão de começar a buscar lucros adequados em atividades produtivas que são boas para o país."

Energia, aeroportos e pobreza

O texto do jornal – intitulado "Nós queremos um Brasil de classe média, diz Dilma" – lembra que a presidente tem se empenhado neste ano a reduzir os juros cobrados por bancos. A entrevista coincide com o lançamento da versão impressa do Financial Times, em inglês, em algumas cidades brasileiras.

A reportagem – que mistura trechos da entrevista de Dilma ao jornal com análises de economistas e cientistas políticos brasileiros e impressões do autor do texto – faz um balanço das medidas econômicas tomadas pela presidente neste ano.

Entre as medidas destacadas pelo jornal, está a redução da tarifa de energia cobrada pelas companhias brasileiras – que exigiu um esforço de negociação do governo e uma renúncia fiscal a impostos federais.

"Isso é muito importante porque precisamos reduzir os custos [de se produzir no Brasil]", disse Dilma ao jornal. O Financial Times diz que o resultado da medida foi energia mais barata em até 16% para consumidores e 28% para indústrias.

O jornal também lembra que Dilma colocou três grandes aeroportos brasileiros – de Guarulhos, Viracopos e Brasília – sob administração de operadores privados, uma medida considerada "crucial" para a preparação do Brasil para sediar a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016.

"Nós queremos parceiros do setor privado de qualquer origem", disse Dilma ao jornal.

Representação Brasileira no Parlamento do MERCOSUL

Presidente: Senador Roberto Requião

Vice – Presidente: Deputado Mendes Thame

Vice – Presidente: Senadora Ana Amélia

Para maiores informações visite a nossa página:

<http://www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-mistas/cpcms>

"Nós estamos voltando a um patamar com níveis normais de lucratividade. Isso significa que alguns de nós terão de começar a buscar lucros adequados em atividades produtivas que são boas para o país."

Fonte: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/10/121003_bancos_dilma_dg.shtml

O ESTADO DE S. PAULO

Dilma Rousseff, em entrevista ao Financial Times

A presidente também falou ao "Financial Times" sobre a redução no nível de pobreza durante os dez anos de gestão do PT da Presidência da República.

"Isso, eu acho, é um ganho muito importante para o Brasil – ou seja, transformar o Brasil em uma população de classe média. Nós queremos isso; nós queremos um Brasil de classe média", afirmou a presidente ao jornal.

No artigo, o Financial Times diz que o Brasil teve "progresso notável" nos últimos anos, mas alerta que economia está "lentamente desacelerando ao ponto de rastejar".

"Rousseff precisa achar um novo modelo de desenvolvimento. Em um mundo afetado por crise econômica, a questão é se ela conseguirá implementar as mudanças necessárias para dar uma arrancada em uma segunda década de crescimento", escreve o autor da reportagem. "Isso inclui enfrentar os problemas espinhosos de falta de competitividade e altos custos de trabalho do Brasil."

Fonte: <http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,brasil-foi-ultimo-almoco-gratis-de-bancos-no-mundo-diz-dilma-a-jornal,939449,0.htm?p=3>

Exportação do Brasil para Argentina caiu 33% em setembro

Por: Ariel Palacios / De: Buenos Aires

Com recuo, saldo comercial favorável ao mercado brasileiro despencou 80%, ficando só em US\$ 157 milhões

Representação Brasileira no Parlamento do MERCOSUL

Presidente: Senador Roberto Requião

Vice – Presidente: Deputado Mendes Thame

Vice – Presidente: Senadora Ana Amélia

Para maiores informações visite a nossa página:

<http://www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-mistas/cpcms>

As exportações brasileiras para a Argentina despencaram 33% em setembro em comparação com o mesmo mês do ano passado, segundo a consultoria Abeceb. A queda nas vendas brasileiras provocaram um encolhimento do superávit que o País tinha com o país vizinho.

Por trás da queda estão as barreiras comerciais que o governo da presidente argentina, Cristina Kirchner, aplicou de forma crescente nos últimos anos e que se intensificaram desde fevereiro. As barreiras foram aplicadas para todos os países, incluindo o Brasil, embora as medidas protecionistas argentinas violem o espírito de livre circulação de mercadorias que o Mercosul tem, pelo menos, no papel.

Segundo a Abeceb, o saldo comercial favorável ao mercado brasileiro caiu 80% em setembro. Dessa forma, o Brasil teve um superávit de apenas US\$ 157 milhões no mês passado.

As exportações brasileiras para a Argentina em setembro foram de US\$ 1,48 bilhão, volume que indica uma retração de 33% em comparação com o mesmo mês do ano passado. Já a Argentina exportou para o mercado brasileiro US\$ 1,323 bilhão, queda de apenas 8,0% anual.

Os setores exportadores brasileiros mais atingidos em setembro pela queda das importações feitas pela Argentina são os de minério de ferro, tratores, bombas e compressores, pneus, polímeros plásticos, automóveis e motores para veículos.

Nove meses. No ano, até setembro, as vendas brasileiras para a Argentina ficaram em US\$ 13,47 bilhões, o equivalente a uma queda de 20% em comparação com o mesmo período de 2011. Na contramão, no período de janeiro a setembro, as exportações argentinas para o Brasil foram de US\$ 11,6 bilhões, o equivalente a 6,0% menos do que em 2011.

No total acumulado dos primeiros nove meses deste ano, o superávit do Brasil com a Argentina foi de US\$ 1,87 bilhão. Isso equivale a 59% menos do que em 2011. Em dezembro, pouco depois de sua posse para o segundo mandato, Cristina Kirchner deu o tom de que sua política protecionista seria aprofundada em 2012. Na ocasião, durante um discurso na Casa Rosada, Cristina exclamou: "Não importaremos nem um prego sequer!".

Fonte: <http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,exportacao-do-brasil-para-argentina-caiu-33-em-setembro-,939358,0.htm>

Representação Brasileira no Parlamento do MERCOSUL

Presidente: Senador Roberto Requião

Vice – Presidente: Deputado Mendes Thame

Vice – Presidente: Senadora Ana Amélia

Para maiores informações visite a nossa página:

<http://www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-mistas/cpcms>

Diante de avanço da oposição, Chávez faz apelo ao patriotismo de eleitores

Por: Roberto Lameirinhas

Embora a maior parte das pesquisas ainda indique uma boa vantagem - entre 10 e 20 pontos percentuais - do presidente venezuelano, Hugo Chávez, sobre seu rival, Henrique Capriles, para a eleição presidencial de domingo, o tom da campanha chavista mudou nos últimos dias. O líder bolivariano, agora, tem ido além do insulto e convertido o processo eleitoral em uma "guerra pela independência e pela soberania" da Venezuela.

"Nas últimas declarações, Chávez e seus partidários mais próximos têm até mesmo reconhecido falhas nos 14 anos de governo, mas vêm salientando que o que estará em jogo no domingo não são dois projetos diferentes de país, mas uma escolha entre a manutenção ou não da independência da pátria", disse ao Estado o cientista político Emilio Pérez, da Universidade Central. "É possível que essa mudança de direção seja motivada por algum crescimento da candidatura de Capriles detectada pela campanha chavista."

"Nunca mais a burguesia voltará a governar esse país", discursou Chávez durante um comício em seu Estado natal, Barinas, na segunda-feira. Segundo o presidente, com uma eventual vitória de Capriles "voltariam a governar a grande burguesia, a grande corrupção e o império ianque (como se refere aos EUA)".

No domingo, a estatal Venezuelana de Televisión (VTV) havia divulgado o áudio de uma conversa telefônica na qual supostamente um grande empresário e o pai de Capriles discutiam detalhes sobre uma "contribuição" à campanha da oposição.

"Não vou mencionar o nome de ninguém, mas esses grandes empresários que do exterior aportam muito dinheiro nessa campanha (de Capriles) - banqueiros foragidos, as máfias de lavagem de dinheiro e narcotráfico - estão esfregando as mãos porque aqui se montaria um governo burguês. Isso é impossível, mas suponhamos que quem mandaria em Miraflores (sede do governo) seria esse candidato. Ele seria uma marionete e a Venezuela perderia, por essa via, sua independência", discursou Chávez.

Em seu programa diário na VTV, La Hojilla, o apresentador Mario Silva, espécie de porta-voz televisivo do chavismo, chegou a declarar, na segunda-feira à noite, que governo admite "as falhas" de sua administração, como a crise de energia que causa blecautes constantes, os

Representação Brasileira no Parlamento do MERCOSUL

Presidente: Senador Roberto Requião

Vice – Presidente: Deputado Mendes Thame

Vice – Presidente: Senadora Ana Amélia

Para maiores informações visite a nossa página:

<http://www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-mistas/cpcms>

problemas da criminalidade e a situação da saúde pública. "Mas o que estará em jogo no domingo não é se sua luz vai se apagar por duas horinhas, mas a independência da Venezuela", sentenciou Silva.

"A estratégia é de desespero", afirmou ao Estado Julio Paez, integrante da campanha de Capriles na sede do comitê, em Caracas. "Chávez está percebendo que agora corre o risco real de perder o poder e apela para valores cívicos e de soberania que nada têm a ver com a eleição. O que isso quer dizer? Que estaria justificado não entregar a presidência ao ganhador de uma eleição porque isso colocaria em risco a independência do país."

Em sua coluna no diário El Universal, o jornalista Nelson Bocaranda informou ontem que Chávez pediu ao ex-presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva que intervisse e impedisse que a presidente Dilma Rousseff recebesse, antes da eleição, uma visita de Capriles. Bocaranda, que se tornou conhecido pelas notícias sobre a gravidade do câncer de Chávez, não nomeou suas fontes.

Fonte: <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,diante-de-avanco-da-oposicao-chavez-faz-apelo-ao-patriotismo-de-eleitores-,939246,0.htm>

FOLHA DE S. PAULO

Maior parte dos vizinhos quer vitória de Chávez

Por: Flávia Marreiro / De: São Paulo

Quando o presidente da Colômbia, Juan Manuel Santos, recebeu há dez dias em Bogotá Henrique Capriles, o rival de Hugo Chávez nas eleições do próximo domingo na Venezuela, a oposição do país exibiu as fotos do encontro como um troféu.

Foi um raro motivo para festejar em matéria de política externa em uma região em que Chávez goza de amizade estratégica de vizinhos e é aclamado como benfeitor pelos países a quem vende barris de petróleo em suaves prestações.

A maior parte da América Latina torce para que Chávez siga no poder em Caracas.

Além da ex-rival Colômbia, países como Brasil, Equador, Bolívia, Argentina, Nicarágua e Cuba querem vitória com folga, evitando turbulências.

Representação Brasileira no Parlamento do MERCOSUL

Presidente: Senador Roberto Requião

Vice – Presidente: Deputado Mendes Thame

Vice – Presidente: Senadora Ana Amélia

Para maiores informações visite a nossa página:

<http://www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-mistas/cpcms>

A maior exceção na região é o Paraguai, contrário à entrada dos venezuelanos no Mercosul.

"O gesto do presidente Santos, de última hora, permitiu ver quão pouco amigável foi o tratamento da região com Capriles", diz Carlos Romero, professor da Universidade Central da Venezuela, que colaborou na preparação do programa de governo do candidato para o setor.

É também, diz ele, um reconhecimento tardio de que o opositor tem mais musculatura eleitoral que os vizinhos avaliaram inicialmente.

O encontro com Santos, seguido de nota declarando a Colômbia "neutra" na eleição, só ocorreu porque o tema passou a ser um assunto interno, defende Romero.

O colombiano acaba de lançar mão da aproximação de Chávez com a narcoguerrilha das Farc para ajudar na negociação de paz com o grupo que começará em outubro.

O outro "acompanhante" do processo de paz é o Chile, do conservador Sebastián Piñera. Parece improvável que as Farc aceitem a troca do esquerdista Chávez pelo "burguês" Capriles.

TEMOR NO PT

No caso do Mercosul, só ao Paraguai interessaria uma derrota de Chávez, já que o bloco usou a suspensão do país para driblar o não do Senado paraguaio a Caracas.

O Brasil mantém uma próxima e lucrativa relação com Chávez. Sem falar na participação do PT na campanha do esquerdista, comandada pelo marqueteiro João Santana.

Altos dirigentes petistas seguem de perto a disputa. Um deles, com trânsito no governo venezuelano, disse à Folha temer que alas chavistas se neguem a entregar o poder no caso, que crê improvável, de derrota do presidente.

Neste ponto, o petista citou especialmente os militares, que após quase 14 anos no governo têm poder --inclusive econômico-- e influência sem igual na América Latina contemporânea, com possível exceção da Colômbia.

Outra área atenta ao desenrolar em Caracas é o Caribe, em especial Cuba, já que a oposição diz que, se ganhar, vai rever a política de venda subsidiada de petróleo.

Representação Brasileira no Parlamento do MERCOSUL

Presidente: Senador Roberto Requião

Vice – Presidente: Deputado Mendes Thame

Vice – Presidente: Senadora Ana Amélia

Para maiores informações visite a nossa página:

<http://www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-mistas/cpcms>

"[A vitória de Capriles] sem dúvida causaria uma crise no Caribe, por causa dessa visão da direita venezuelana, que devemos usar o petróleo só para espoliar os vizinhos pobres ", disse à Folha Rodrigo Cabeza, ex-ministro das Finanças de Chávez e responsável pela área internacional no partido chavista, o PSUV.

Fora do continente, Rússia e China, hoje a maior credora do governo Chávez, têm projetos bilionários em curso na Venezuela. Capriles promete rever os acordos com a China e critica as compras de armamento da Rússia.

Na torcida pela oposição estão os EUA, ainda que, sob Obama, as fricções bilaterais tenham diminuído.

Feliz mesmo com uma vitória de Capriles estaria Israel, com relações diplomáticas rompidas com Caracas.

Sem Chávez, não apenas o governo iraniano perderia seu maior aliado no Ocidente como a Venezuela ganharia um presidente de origem judaica.

Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/1161637-maior-parte-dos-vizinhos-quer-vitoria-de-chavez.shtml>

FATOS NOVOS NOVAS IDEIAS

A opinião pública (brasileiro médio) é diferente da opinião publicada pela grande mídia apátrida

Por: Francisco Barreira

Já disse várias vezes neste blog que os editoriais do Globo, do Estadão e da Folha poderiam ser assinados pela secretária de Estado Hillary Clinton. Os profissionais que produzem estes editoriais são pagos para nos fazer crer que a imprensa burguesa (do Capital) é a única livre, logo ela onde cada palavra e comprada a peso de ouro.

Por outro lado, os stalinistas desmoralizaram, ao longo do século passado, a Imprensa do Trabalhador, a que deveria ser símbolo de liberdade, ao utilizá-la com instrumento da ditadura.

Representação Brasileira no Parlamento do MERCOSUL

Presidente: Senador Roberto Requião

Vice – Presidente: Deputado Mendes Thame

Vice – Presidente: Senadora Ana Amélia

Para maiores informações visite a nossa página:

<http://www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-mistas/cpcms>

Estamos, evidentemente, diante de um dilema. Dilema este agravado pelo fato de termos alimentado, durante décadas, a noção de que a Ditadura no Proletariado era uma inerência da luta de trincheira contra o Capitalismo.

Não tenho a pretensão oferecer solução para esse impasse, mas ousar dizer que, embora de forma empírica, o Movimento Chavista oferece um esboço de solução ao impor-se o princípio da disputa eleitoral e do respeito aos seus resultados.

A mídia burguesa desconfia da "sinceridade institucional do chavismo", mas não pode negar a evidência de que ele submeteu-se, na última década, a inúmeros desafios eleitorais e, mesmo derrotado em alguns, submeteu-se a seus resultados.

Aliás, o único golpe de fato ocorrido na Venezuela, nos últimos dez anos, foi o praticado por partidos burgueses com apoio (intervenção grosseira em assuntos internos venezuelanos) por parte do Governo Bush.

Em outro artigo pretendo aprofundar um tema que corre em paralelo: quando no poder os partidos reproduzem o grau de democracia interna que impõem aos seus militantes.

Seja como for, o chavismo se impõe, neste início de século, como o movimento socialista mais proficiente. Ele precisa ser mais apoiado e estudado com mais método pelos marxistas do Continente.

Fonte: <http://fatosnovosnovasideias.wordpress.com/artemanha/>

O GLOBO

Brasil crescerá 1,6%, metade da AL

Por: Luiza Damé

Cepal: PIB da região avançará 3,2% no ano. Dilma critica ricos

Santiago e Lima O desempenho mais fraco do Brasil, principal economia da América Latina e Caribe, vai puxar para baixo o crescimento da região. De acordo com a previsão da Comissão Econômica para América Latina e o Caribe (Cepal), a expansão este ano será de 3,2% frente à previsão anterior de 3,7%. Já o Brasil crescerá a metade (1,6%) em 2012, e não mais 2,7%

Representação Brasileira no Parlamento do MERCOSUL

Presidente: Senador Roberto Requião

Vice – Presidente: Deputado Mendes Thame

Vice – Presidente: Senadora Ana Amélia

Para maiores informações visite a nossa página:

<http://www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-mistas/cpcms>

previstos no relatório anterior, em junho.

"A precariedade da economia mundial, provocada sobretudo pelas dificuldades que enfrentam Europa, EUA e China, pesou sobre o crescimento da América Latina e do Caribe, região que terá em 2012 uma expansão menor que em anos anteriores", informou a Cepal.

A presidente Dilma Rousseff, por sua vez, disse ontem que os países desenvolvidos estão exportando a crise econômica para o resto do mundo. Ela condenou a política monetária expansionista e o protecionismo adotados pelas nações avançadas para enfrentar a crise econômica global. Falando na abertura da Cúpula América do Sul - Países Árabes (Aspa), Dilma disse que essa postura, além de não livrar os países ricos dos problemas econômicos, ainda exporta esses problemas para o mundo:

- Os chamados "afrouxamentos monetários", ao desvalorizar as moedas dos países desenvolvidos, tornam esses países artificialmente mais competitivos. O efeito cumulativo dessas políticas monetárias expansionistas, conjugadas a uma exagerada austeridade, exporta a crise para o resto do mundo e não resolve os graves problemas dos países desenvolvidos, como o desemprego galopante e a desesperança. O acesso a nossos mercados é extremamente facilitado por essas políticas de desvalorização das moedas. E um protecionismo disfarçado reduz as exportações dos nossos países em desenvolvimento - afirmou a presidente, defendendo maior intercâmbio entre latino-americanos e árabes.

Já a Cepal destacou que a desaceleração mostrada pelas economias em 2011 se prolongou para o primeiro semestre de 2012, o que provocou a redução na projeção de crescimento para o ano. Mas a comissão informou que a expansão regional foi impulsionada sobretudo pelo consumo privado, embora a crise global tenha debilitado a demanda externa, derrubando os preços de bens de exportação.

Em 2013, uma expansão de 4%

Frente a este cenário, a Cepal reduziu sua projeção de crescimento para a Argentina a 2% neste ano, ante 3,5% anteriormente, e manteve a do México em 4%. A previsão para a economia do Chile é de expansão de 5% e, para o Peru, de 5,9% em 2012. A Colômbia deve crescer 4,5%, e a Venezuela expandir 5%. Só o Paraguai registraria uma contração de 2% este ano na região, enquanto o Panamá lideraria o crescimento com 9,5%.

Representação Brasileira no Parlamento do MERCOSUL

Presidente: Senador Roberto Requião

Vice – Presidente: Deputado Mendes Thame

Vice – Presidente: Senadora Ana Amélia

Para maiores informações visite a nossa página:

<http://www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-mistas/cpcms>

Para 2013, a expectativa é de que América Latina e Caribe cresçam 4%, com o Brasil se recuperando para registrar uma expansão de 4%, assim como o México.

Fonte: <http://www.fazenda.gov.br/resenhaeletronica/MostraMateria.asp?page=&cod=844769>

O anacrônico protecionismo brasileiro

Surtos de fechamento de mercados constam dos compêndios de história econômica como decorrência clássica de recessões globais. Foi, inclusive, o protecionismo, na crise da década de 30 do século passado, que turbinou a chamada Grande Depressão.

Vivida aquela experiência trágica, mesmo num mundo ainda não tão interdependente quanto o de hoje, lideranças mundiais costumam fazer o alerta contra barreiras às importações nesta fase de retração do crescimento mundial, na esteira da crise deflagrada a partir de Wall Street no final de 2008.

Mesmo assim, tem havido casos de obstrução do comércio, sempre em nome da defesa de empregos nos mercados importadores. Se todos fizerem o mesmo movimento, é óbvio que a produção mundial mergulhará em parafuso.

O Brasil tem ocupado tribunas de instituições multilaterais com um discurso vigoroso contra o protecionismo - mas não pratica o que defende. Assim não fosse, diplomatas do Itamaraty não teriam sido bombardeados por representantes dos Estados Unidos, Europa e Japão em reunião, segunda-feira, na sede da Organização Mundial do Comércio (OMC), em Genebra.

Não há mocinhos no comércio internacional, ainda mais numa conjuntura de retração dos negócios como a atual. Se os americanos reclamam da taxa em até 25% das importações de uma lista com cem produtos - e virá mais -, também não cumprem determinações da OMC de indenizar o Brasil por conceder subsídios ilegais aos produtores de algodão.

Um erro não justifica outro. Se o Brasil tem razão de reclamar dos americanos no caso do algodão, erra ao criar obstáculos a importações, na tentativa de compensar, da pior maneira possível, a falta de competitividade de setores produtivos nacionais causada pelo famigerado "custo Brasil" -

Representação Brasileira no Parlamento do MERCOSUL

Presidente: Senador Roberto Requião

Vice – Presidente: Deputado Mendes Thame

Vice – Presidente: Senadora Ana Amélia

Para maiores informações visite a nossa página:

<http://www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-mistas/cpcms>

impostos, burocracia, infraestrutura deficiente, mão de obra mal qualificada.

Com isso, transfere a conta do baixo poder de competição ao consumidor interno. Preferível fazer o dever de casa e reduzir o "custo Brasil". Algo começa a ser executado, reconheça-se, mas a onda protecionista ganha dimensões preocupantes, e faz suspeitar que bolsões existentes no grupo que está no poder deste 2003 contrários ao livre comércio aproveitam a crise mundial para contrabandear uma política anacrônica de fechamento do país, no pior estilo geiseriano.

Nem mesmo a acusação enviesada de que os Estados Unidos executam mais um ciclo de "afrouxamento monetário" para desvalorizar o dólar artificialmente pode servir de biombo para a criação constante de obstáculos às importações.

O Brasil termina se nivelando por baixo, num continente em que existe a Argentina. Por erros próprios, o vizinho, em crise cambial, se torna cada vez mais protecionista, um pária no planeta.

Fonte: <http://oglobo.globo.com/opiniaao/o-anacronico-proteccionismo-brasileiro-6261651>

Farc querem Brasil à mesa

Por: Vitor Sorano

Apoio. Militares e helicóptero brasileiros usados no resgate de reféns libertados pelas Farc: apesar de fornecer armamentos à Colômbia, Brasil é visto com bons olhos pela guerrilha

diálogo na colômbia

As Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) defendem a participação do Brasil no processo de paz colombiano. "É um país que tem tido uma boa posição. Sobretudo, não declarou as Farc terroristas", justifica Marco León Calarcá, um dos quatro negociadores nomeados pela guerrilha para se sentarem à mesa de negociação. O primeiro encontro está previsto para ocorrer no dia 15 em Oslo. Depois, as reuniões continuam em Cuba, de onde Calarcá falou, por telefone, ao GLOBO.

No início do mês passado, o governo colombiano e a guerrilha anunciaram aquela que será a

Representação Brasileira no Parlamento do MERCOSUL

Presidente: Senador Roberto Requião

Vice – Presidente: Deputado Mendes Thame

Vice – Presidente: Senadora Ana Amélia

Para maiores informações visite a nossa página:

<http://www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-mistas/cpcms>

quarta tentativa de pôr um ponto final ao conflito, iniciado há 48 anos. A decisão tomada pelo governo do presidente Juan Manuel Santos significou uma guinada em relação à postura de confronto intransigente adotada pelo então presidente Álvaro Uribe (2002-2010), padrinho político de Santos e hoje uma das principais vozes críticas ao processo de paz.

- As Farc sempre quiseram tratar o problema nacional pelo diálogo e não pela guerra. Se as circunstâncias permitirem, esse será o caminho a seguir e esse será o caminho à paz - diz Calarcá, que nega o risco de que, uma vez firmado o acordo pela cúpula da guerrilha, grupos dissidentes possam manter vivo o conflito. - As determinações que se tomem numa mesa são compromisso para toda a organização. Não há espaço para que isso aconteça.

O processo conta com o apoio direto de Venezuela, Cuba, Chile e Noruega. O Brasil ficou de fora. O presidente Santos ligou para a presidente Dilma Rousseff pouco antes de anunciar o acordo. Segundo uma fonte da diplomacia brasileira, a ausência brasileira não causa nenhum prejuízo e está de acordo com a política "de resultados, não de prestígio" adotada pelo país.

itamaraty "pronto a apoiar"

As Farc são consideradas uma organização terrorista pelos EUA (desde 1997) e pela União Europeia (desde 2002). Tanto Uribe como Santos tentaram convencer o Brasil a fazer uma declaração semelhante, mas sem sucesso. Isso fez com que o país ganhasse pontos com a guerrilha, como indica a declaração de Calarcá. Isso apesar de o Exército colombiano contar com aviões da Embraer para combatê-la, e de declarações como a feita pelo então ministro da Defesa Nelson Jobim, em 2010, de que receberia os guerrilheiros "à bala" se entrassem no Brasil.

Além disso, o acordo de cinco pontos discutirá temas como a questão agrária colombiana e o narcotráfico - a guerrilha, acusada por EUA e ONU de ser ativa no tráfico, é favorável à legalização das drogas, alegando ser uma forma de combater o fenômeno - além de prever a possibilidade de participação dos desmobilizados na política. Ou seja, caso o processo de paz dê certo, as Farc poderão emergir como um ator político convencional. Nessas condições, o peso brasileiro é outro atrativo.

- O Brasil é um dos países que têm importância latino-americana, que pode influir sobre a economia regional em eixos de grande alcance - diz Calarcá. - Nós sempre consideramos que são necessárias mudanças na vida colombiana e em todo o continente por igual. Se nos dão a

Representação Brasileira no Parlamento do MERCOSUL

Presidente: Senador Roberto Requião

Vice – Presidente: Deputado Mendes Thame

Vice – Presidente: Senadora Ana Amélia

Para maiores informações visite a nossa página:

<http://www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-mistas/cpcms>

possibilidade de fazer parte das decisões do país (Colômbia), bem-vinda seja.

Em nota, o Itamaraty afirmou que "o governo apoia o processo de negociação" e que, "na medida em que puder ajudar, o Brasil está pronto a continuar a apoiar o diálogo e as negociações."

Professora da Universidade Nacional de Quilmes (Argentina) e bolsista do Ipea, Monica Hirst avalia que uma eventual participação brasileira seria positiva para o país, inclusive no que toca ao pleito de uma vaga permanente no Conselho de Segurança da ONU.

Alguns analistas políticos afirmam que a recente chegada ao poder de governos de esquerda - como os liderados pelos ex-guerrilheiros Dilma Rousseff e José Mujica (no Uruguai) - é um dos estímulos à desmobilização das Farc. Calarcá vê o caso colombiano nesse contexto.

- O conflito colombiano com certeza parece muito com (os de) Brasil, Uruguai, Paraguai e Chile.

O negociador das Farc também indica que não irá exigir que o cessar-fogo, um dos pontos do plano de paz, seja uma condição para os diálogos. Santos diz que não haverá tréguas.

- Tem que se chegar a isso no momento claro. Quando já houver todos os elementos em concordância e definidos na mesa, então se acordará como fazer o cessar-fogo - diz Calarcá.

Mas, enquanto Santos tem dito que o processo de paz será uma questão de "meses, não de anos", o negociador da guerrilha prefere rejeitar quaisquer limites de tempo.

- O importante é que o acordo saia, e não o tempo.

Fonte: <http://oglobo.globo.com/mundo/farc-defendem-participacao-do-brasil-no-processo-de-paz-6264680>

Dias de esperança e incerteza na Venezuela

De: Caracas

Na expectativa da vitória, Capriles passa mensagem de paz e acena a Chávez

Representação Brasileira no Parlamento do MERCOSUL

Presidente: Senador Roberto Requião

Vice – Presidente: Deputado Mendes Thame

Vice – Presidente: Senadora Ana Amélia

Para maiores informações visite a nossa página:

<http://www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-mistas/cpcms>

Basta botar os pés na Venezuela para constatar que duas sensações predominam no país: os eleitores do candidato da oposição nas eleições presidenciais, Henrique Capriles, estão entusiasmados com sua campanha e sentem que a possibilidade de uma vitória no próximo domingo é real. No entanto, ao mesmo tempo, opositores e chavistas não conseguem imaginar o presidente Hugo Chávez sendo derrotado nas urnas e, muito menos, entregando o poder. Já no Aeroporto Internacional de Maiquetía, uma funcionária da alfândega resume o que pensam vários venezuelanos:

- Se Chávez perder, o país vai pegar fogo.

Pesquisas recentes apontaram todos os cenários possíveis, até mesmo uma vitória de Capriles, o jovem ex-governador do estado de Miranda que encantou os venezuelanos insatisfeitos com a revolução bolivariana. Mas até mesmo os seguidores de Capriles admitem ser difícil ver Chávez passando o poder para a oposição - o que levou o opositor a fazer aberturas ao presidente.

- As revoluções não nascem para serem derrotadas. Acreditamos na força de Capriles, mas somos cientes do poder do chavismo - comentou Fernando Romero, dono de um restaurante no bairro de Chacao, área nobre da capital venezuelana.

Neste município governado há anos pela oposição, o favoritismo de Capriles é evidente. Em meio a um trânsito infernal, um caminhão toca a música de campanha de Capriles (uma mistura de salsa e merengue), animando um pouco os motoristas com o lema "um caminho é possível".

O candidato opositor conhece os medos do eleitorado em relação ao dia 8 de outubro, quando o resultado da eleição será confirmado pelo Conselho Nacional Eleitoral (CNE). O cenário mais temido por todos é um triunfo apertado de qualquer um dos candidatos, que abra espaço para denúncias de fraude. Nas últimas horas, Capriles tentou transmitir uma mensagem de paz e se dispôs a dialogar com Chávez, caso seja eleito presidente.

- Por que não? Não tenho preconceitos, os que têm preconceitos são outros - declarou à emissora Televen na noite de segunda-feira.

Para Capriles, a Venezuela segue rumo a um "grande acordo" de governabilidade. O candidato pediu que o líder bolivariano há 13 anos no poder, caso perca a eleição presidencial, respeite a vontade popular expressa nas urnas:

Representação Brasileira no Parlamento do MERCOSUL

Presidente: Senador Roberto Requião

Vice – Presidente: Deputado Mendes Thame

Vice – Presidente: Senadora Ana Amélia

Para maiores informações visite a nossa página:

<http://www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-mistas/cpcms>

- Para saber ganhar, é necessário saber perder - ressaltou. - Não tenho dúvidas de que vamos ganhar.

Já o chefe de campanha de Chávez, Jorge Rodríguez, assegurou em entrevista coletiva concedida ontem no estado de Lara ser impossível que Chávez perca:

- A ofensiva final da direita só fez aumentar a angústia e a confusão. Recomendo a eles (opositores) que tomem um chá de valeriana - disse Rodríguez, também prefeito de Caracas, aludindo a uma planta similar à camomila.

Na região de Sábana Grande, em Caracas, o clima entre a maioria chavista é de vitória. A apenas 2 quilômetros de Chacao, o cenário é bem diferente: barraquinhas de campanha a favor de Chávez e eleitores que confiam na continuidade.

- Chávez vai ganhar porque é o melhor presidente que tivemos, o único que pensou nos pobres - disse a vendedora Alexandra Castillo, vestindo uma camiseta com o nome do líder bolivariano.

No estado de Yaracuy, Chávez mandou um recado a seus eleitores, sobretudo os desencantados com a revolução:

- Não falharei no próximo período, serei um melhor presidente.

Fonte: <http://oglobo.globo.com/mundo/dias-de-esperanca-incerteza-na-venezuela-6264593#ixzz28F8aa2Zh>

CORREIO BRAZILIENSE

Brasil só passa o Paraguai em PIB

Por: Silvio Ribas

País ocupará o penúltimo lugar no ranking de crescimento da América Latina em 2012

A Cepal — comissão da Organização das Nações Unidas (ONU) de pesquisa econômica e social para a América Latina e o Caribe — revisou para baixo as estimativas de crescimento na região, sobretudo do Brasil e da Argentina. O relatório anual divulgado ontem em Santiago do Chile, sede

Representação Brasileira no Parlamento do MERCOSUL

Presidente: Senador Roberto Requião

Vice – Presidente: Deputado Mendes Thame

Vice – Presidente: Senadora Ana Amélia

Para maiores informações visite a nossa página:

<http://www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-mistas/cpcms>

do órgão, previu uma expansão em 2012 de 1,6% para o Produto Interno Bruto (PIB, a soma de todas as riquezas produzidas em um ano) brasileiro, a mesma anunciada na semana passada pelo Banco Central. No estudo preliminar, apresentado em junho, a alta prevista era de 2,7%. A Argentina, por sua vez, deverá fechar o ano com crescimento de 2%, ante 3,5% da previsão anterior, segundo a Cepal.

Com isso, o desempenho da economia brasileira será o segundo pior da América Latina neste ano, maior apenas que o do Paraguai, com estimativa de retração de 2%. Se incluir o Caribe, o pibinho do Brasil só ficaria à frente de cinco países em uma lista de 33. "Estamos preocupados com os dados brasileiros e argentinos, que refletem o impacto do atual estágio da crise iniciada em 2008, com sérias perdas no comércio exterior", comentou secretária-executiva da Cepal, Alicia Barcéna.

"O Brasil experimentou um processo de desaceleração mais forte que os demais países durante o último semestre de 2011, somente no início do segundo semestre de 2012, começou-se a notar alguns sintomas de reativação. Na Argentina, a diminuição foi mais marcada durante o primeiro semestre de 2012", diz o relatório. A Cepal prevê que a economia da América Latina e do Caribe avance 4% no próximo ano e 3,2% neste ano.

Alicia vê com esperança as políticas públicas voltadas ao estímulo ao investimento direto e ao desenvolvimento do mercado doméstico. Lembra que a América Latina, ao contrário de Europa e Estados Unidos, ainda tem espaço fiscal para enfrentar a desaceleração. Para os economistas da Cepal, a estagnação da zona do euro e a tímida recuperação norte-americana afetaram duramente as exportações da região e adiaram a retomada econômica do segundo semestre deste ano para 2013. Ela acrescenta que a recuperação esperada para o próximo ano será também "precária", se considerar que os Estados Unidos terão de encarar um forte ajuste fiscal logo em janeiro.

O consumo tem sido o principal impulsor da expansão regional, em razão do comportamento positivo no mercado de trabalho, com nível de ocupação e de salários ainda em alta, assim como no caso do crédito. Sobre inflação, o relatório indica que foi mantida a tendência de queda verificada até junho.

» Pesquisadores

A falta de coordenação entre os países na busca de saídas para a crise econômica está abrindo espaço para novos conflitos comerciais e até reacendendo velhas tensões geopolíticas. Fatores como extensão territorial, população e poder militar deverão, cada vez mais, pesar na retomada da

Representação Brasileira no Parlamento do MERCOSUL

Presidente: Senador Roberto Requião

Vice – Presidente: Deputado Mendes Thame

Vice – Presidente: Senadora Ana Amélia

Para maiores informações visite a nossa página:

<http://www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-mistas/cpcms>

atividade em mercados emergentes e desenvolvidos. A avaliação é do reitor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Clélio Campolina, que preside ao longo desta semana encontro com pesquisadores de 23 países para debater a crise global e seus efeitos sobre a América Latina.

Fonte: <http://pps.jusbrasil.com.br/politica/103565556/correio-braziliense-brasil-so-passa-o-paraguai-em-pib>

Chávez e Capriles buscam indecisos

Por: Thais de Luna

Na briga pela Presidência da Venezuela, o candidato à reeleição, Hugo Chávez, e seu rival, Henrique Capriles Radonski, intensificaram seus comícios ao redor do país, numa última tentativa de angariar votos dos indecisos. A maioria das pesquisas de opinião aponta a vitória de Chávez, com uma vantagem de 10 pontos percentuais. Os dois, no entanto, têm certeza da própria vitória. Capriles chega a questionar a validade das sondagens e insiste que pode ganhar do presidente por "mais de 1 milhão de votos". Ambos visitaram dois estados distintos, ontem, e realizaram ataques mútuos. À parte dos atos públicos, o embaixador venezuelano na Organização das Nações Unidas (ONU), Jorge Valero, denunciou ao órgão que "setores antidemocráticos e golpistas" podem recorrer a um golpe de Estado, caso Chávez saia vencedor da votação do próximo domingo.

Durante o encerramento da Assembleia Geral da ONU, em Nova York, Valero afirmou que os opositores pretendem "utilizar a violência para ocultar a vontade popular". Segundo George Ciccariello-Maher, professor de ciência política da Universidade Drexel, nos Estados Unidos, Capriles tem se dedicado às eleições com tal intensidade que não pode contestar os resultados. "Mas outros opositores já devem estar se preparando para negá-los, alegando fraude", estimou. O analista lembra as derrotas da oposição contra Chávez: em 2002, quando o golpe de Estado não funcionou, e nas eleições de 2006, em que o mandatário foi eleito pela terceira vez.

Em Yaritagua, cidade de Yaracuy, Chávez discursou para milhares de pessoas vestidas de vermelho e atacou duramente seu adversário. O chefe de Estado se dirigiu à imprensa para criticar Capriles, a quem chamou de "marionete". "O candidato burguês não sabe nada de política. Eles o escolheram para levá-lo a (Palácio Presidencial de) Miraflores e manipulá-lo", afirmou. Chávez completou que a oposição, que classifica como "burguesia", mente ao dizer que vai apoiar os projetos sociais implantados durante sua gestão. "Isso é uma falta de respeito à inteligência do

Representação Brasileira no Parlamento do MERCOSUL

Presidente: Senador Roberto Requião

Vice – Presidente: Deputado Mendes Thame

Vice – Presidente: Senadora Ana Amélia

Para maiores informações visite a nossa página:

<http://www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-mistas/cpcms>

povo, que vai dar sua resposta neste domingo."

O presidente também enviou um recado de apoio ao presidente da Colômbia, Juan Manuel Santos, que será submetido hoje a uma cirurgia para retirar um tumor maligno da próstata. "Tenho certeza de que ele vai superar essa doença (câncer) e estou seguro de que o tratamento será bem-sucedido. O presidente Santos faz falta à Colômbia e à América Latina. Por isso, desejo a ele muita saúde, recuperação e muita vida", comentou. Depois do comício, o candidato pelo Partido Socialista Unido da Venezuela (PSUV) se dirigiu à cidade de Barquisimeto, no departamento (estado) de Lara.

Promessas

Paralelamente, Capriles chegou a Mérida vestindo uma camiseta do time de futebol Los Estudiantes de Mérida e clamou a participação dos jovens na votação. "Vocês têm que dar a demonstração mais contundente na Venezuela, vocês são os protagonistas e cada um deve se sentir um herói em 7 de outubro, porque vocês estão construindo a história de nosso país", insistiu o candidato pela coligação Mesa da Unidade Democrática (MUD). Ao atacar o governo Chávez, o opositor destacou que a população venezuelana não confia no mandatário devido à série de promessas eleitorais que ele não teria cumprido. Diante de uma multidão, Capriles reforçou o discurso que tem apresentado ao longo de toda a campanha, de ser o candidato que representa o futuro, contra o que representa o passado. Ele seguiu para o estado oriental de Anzoátegui (nordeste).

Cada um de vocês deve se sentir um herói em 7 de outubro, porque vocês estão construindo a história de nosso país"

Fonte: <https://conteudoclipppingmp.planejamento.gov.br/cadastros/noticias/2012/10/3/chavez-e-capriles-buscam-indecisos>

Representação Brasileira no Parlamento do MERCOSUL

Presidente: Senador Roberto Requião

Vice – Presidente: Deputado Mendes Thame

Vice – Presidente: Senadora Ana Amélia

Para maiores informações visite a nossa página:

<http://www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-mistas/cpcms>

PARAGUAI

ABC

Gobierno analizará envío de Ushuaia II cuando el Senado estudie Unasur

El canciller José Félix Fernández indicó que solo una vez que el Senado se haya pronunciado sobre el Protocolo Adicional de Unasur, que es prácticamente la copia fiel del Protocolo de Montevideo, más conocido como Ushuaia II, se analizará la conveniencia de enviar este último al Congreso.

El ministro de Relaciones Exteriores argumentó además que el hecho de que Paraguay aparezca en estos momentos como rechazando un protocolo que contiene apartados que garantizan los derechos humanos puede ser manipulado por los detractores de nuestro país, especialmente en Unasur.

“El Protocolo (Adicional) de Unasur está hace tiempo en el Congreso. Cuando ese protocolo sea tratado en el Senado, nosotros estudiaremos el tema Ushuaia II”, enfatizó el canciller, quien acotó expresamente que no habla de enviar el documento, sino de estudiar si es pertinente el envío.

“Tienen que entender -señaló- que a pesar de la opinión de destacados juristas, que el hecho de que aparezcamos ahora nosotros rechazando tratados que hablan de la protección internacional de los derechos humanos se va a presentar internacionalmente como que no queremos aceptar ese tipo de estudio de nuestras condiciones políticas internas”.

Prosiguió que hay que entender que en estos momentos, los países del entorno inmediato ya no cumplen, en este momento, con tratado alguno y que todo se basa en falacias que se inventan sobre la realidad del Paraguay.

Representação Brasileira no Parlamento do MERCOSUL

Presidente: Senador Roberto Requião

Vice – Presidente: Deputado Mendes Thame

Vice – Presidente: Senadora Ana Amélia

Para maiores informações visite a nossa página:

<http://www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-mistas/cpcms>

“No cumplen el Tratado de Asunción, ni Ouro Preto, ni Ushuaia I. Los han violado todos y eso la Cancillería lo ha dicho desde el primer momento”, enfatizó.

El canciller manifestó también que el nivel de ataques que recibe Paraguay es inconcebible. Puso como ejemplo el hecho de que Unasur suspendió la participación paraguaya en la Cumbre de América Latina con países árabes, poniendo al nuestro al mismo nivel de violencia que existe hoy en Siria.

“Es una gravísima equivocación de estos países (de Unasur). No es solamente ver lo que pasa en la realidad paraguaya; la libertad de prensa que tienen los medios, la absoluta garantía de que gozan los ciudadanos del Paraguay. Y comparar esto con un país donde la aviación del gobierno bombardea a la población y donde diariamente hay miles de muertos es inconcebible”.

Y agregó: “Y son estos mismos países, donde nos hacen eso, nos tratan así, los que dicen que quieren hacer una observación de la democracia paraguaya. Y algunas personas editorializan a favor de esa posición”, criticó Fernández Estigarribia.

Expresó que ante este panorama, hay que ser muy cuidadosos con los pasos que damos, “porque no basta -dijo- analizar la situación interna del Paraguay, sino ver cómo se presenta internacionalmente un hecho como el envío del protocolo al Congreso”.

Unasur y Ushuaia II

Un elemento que se ha prestado reiteradamente a confusiones es el hecho de que el Protocolo Adicional “Compromiso con la Democracia” de Unasur es prácticamente idéntico al denominado “Protocolo de Montevideo sobre Compromiso con la Democracia en el Mercosur”. El primero data de 2010 y se firmó en Georgetown, capital de Guyana, y es originario de Unasur. El segundo se firmó en el 2011, en Montevideo, Uruguay, durante una cumbre de Mercosur y Paraguay impulsó activamente su aprobación, durante la gestión de gobierno de Fernando Lugo.

Cuestionan a Almagro

El diario “El Telégrafo” del Uruguay cuestionó a su canciller, Luis Almagro, por haber señalado durante su exposición en la Asamblea de Naciones Unidas, que en Paraguay hubo una “ruptura del orden democrático” .

Representação Brasileira no Parlamento do MERCOSUL

Presidente: Senador Roberto Requião

Vice – Presidente: Deputado Mendes Thame

Vice – Presidente: Senadora Ana Amélia

Para maiores informações visite a nossa página:

<http://www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-mistas/cpcms>

El editorial del periódico charrúa manifiesta que tal afirmación “es insólita” porque -argumenta- los hechos jurídicos establecen que esa no fue la realidad de la situación política paraguaya. El diario califica, además, en duros términos las expresiones de José Mujica sobre la prevalencia de la política sobre el derecho.

Fonte: <http://www.abc.com.py/edicion-impres/politica/gobierno-analizara-envio-de-ushuaia-ii-cuando-el-senado-estudie-unasur-458261.html>

Irán compra soja de Sudamérica

De: Hamburgo

Irán hizo grandes compras de aceite de soja y de porotos de la oleaginosa de Argentina entre julio y setiembre, ya que los compradores iraníes hallaron métodos para hacer los pagos, pese a las sanciones occidentales, dijeron ayer los analistas de oleaginosas de Oil World, con sede en Hamburgo.

Irán importó 202.000 toneladas de aceite de soja en julio-setiembre de este año, un alza desde solo 160.000 en abril-junio de este año, cifra deprimida por el impacto de las sanciones en los envíos, estimó Oil World.

Del total de julio-setiembre, se cree que 129.000 toneladas han sido importadas desde Argentina, 59.000 toneladas desde Brasil y 14.000 toneladas desde Paraguay, dijo Oil World.

Las sanciones que Occidente impuso a Irán por su polémico programa nuclear no incluyen a los embarques de alimentos, pero esas restricciones sí hacen que sea cada vez más difícil para los importadores obtener cartas de crédito o realizar transferencias internacionales de fondos a través de los bancos.

En semanas recientes, Irán logró realizar grandes compras de trigo a pesar de las sanciones. Irán también aumentó las importaciones de soja en meses recientes, dijo Oil World.

“Este volumen se compara con solo 68.000 toneladas importadas en enero/mayo 2012, antes de que los importadores hallaran la forma de comprar grandes volúmenes a pesar de las sanciones”, agrega.

Representação Brasileira no Parlamento do MERCOSUL

Presidente: Senador Roberto Requião

Vice – Presidente: Deputado Mendes Thame

Vice – Presidente: Senadora Ana Amélia

Para maiores informações visite a nossa página:

<http://www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-mistas/cpcms>

Irán también ha hecho fuertes compras de aceite de girasol, elevando las importaciones del producto en julio-septiembre del 2012 a 154.000 toneladas desde solo 75.000 toneladas en abril-junio 2012, estimó Oil World. Ucrania suministró 140.000 toneladas de las importaciones de aceite de girasol julio-setiembre. Argentina ofreció 10.000 toneladas y el resto principalmente llegó desde Rusia, informó Oil World.

Fonte: <http://www.abc.com.py/edicion-imprensa/internacionales/iran-compra-soja-de-sudamerica-458220.html>

LA NATION

Sudamérica y países árabes se prometen mayor integración

Cumbre efectuado en Lima sugirió intervención para frenar la violencia en Siria.

La III Cumbre de Jefes de Estado y de Gobierno de América del Sur y Países Árabes (ASPA) se inauguró ayer en Lima con promesas de mayor integración política y comercial entre los dos bloques, y llamados a detener la violencia en Siria. "El mundo árabe y América del Sur atraviesan un momento que permite pensar en un futuro promisorio para nuestros ciudadanos", dijo el presidente de Perú, Ollanta Humala, al abrir el encuentro en el que participan 32 naciones de ambos bloques. La grave situación en Siria y la necesidad de una intervención de la comunidad internacional para detener la violencia fue un asunto central en los discursos de apertura del cónclave, informó AFP.

"Las consecuencias de la crisis en Siria pueden ser catastróficas, no sólo para Siria sino para todo el mundo árabe. Tenemos que trabajar para poner fin a la violencia en Siria", dijo el secretario general de la Liga Árabe, Nabil El-Araby. "Todas las iniciativas (de paz) no han surtido efecto. (Tenemos) que frenar la hemorragia. No se han encontrado soluciones para desbloquear la crisis", recapituló al evocar el papel de las Naciones Unidas.

Representação Brasileira no Parlamento do MERCOSUL

Presidente: Senador Roberto Requião

Vice – Presidente: Deputado Mendes Thame

Vice – Presidente: Senadora Ana Amélia

Para maiores informações visite a nossa página:

<http://www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-mistas/cpcms>

Por su lado, la presidenta de Brasil, Dilma Rousseff, señaló que "los países sudamericanos y árabes pueden tener una intervención en la crisis siria a fin de que todas las partes acepten el camino de la paz y el diálogo".

Las relaciones comerciales entre sudamericanos y árabes crecieron notablemente desde que empezaron estas cumbres interregionales en 2005, subrayó el secretario de la Liga Árabe, Nabil El-Araby: "Hemos avanzado de manera espectacular desde 2005, en Brasil. El intercambio entre las dos regiones creció a más de US\$ 30.000 millones" hacia 2012.

Inesperada tensión entre Bolivia y Chile

La cumbre se realiza en momentos de efervescencia política en el mundo árabe por la guerra civil en Siria y, del lado sudamericano, de una inesperada tensión de última hora entre los gobiernos boliviano y chileno por declaraciones cruzadas de sus respectivos presidentes sobre la demanda marítima boliviana. El presidente boliviano, Evo Morales, dijo el lunes que "el gobierno de Chile no solamente es una amenaza para Bolivia, sino también para Perú". "Chile es un peligro para la región", afirmó al referirse a su par chileno, Sebastián Piñera, quien rechaza la demanda boliviana. Piñera había dicho en Santiago que, como presidente, haría "que se respeten los tratados que Chile ha firmado" y defendería "con toda la fuerza del mundo nuestro territorio, nuestro mar, nuestro cielo y nuestra soberanía".

Fonte: <http://www.lanacion.com.py/articulo/93063-sudamerica-y-paises-arabes-se-prometen-mayor-integracion-.html>

URUGUAI

LARED21

Presidente Mujica: "América del Sur está viviendo una primavera como nunca tuvo"

El presidente de la República, José Mujica aseguró que América del Sur está viviendo "una primavera como nunca tuvo", y abogó porque el pueblo palestino tenga "su historia y su bandera".

Representação Brasileira no Parlamento do MERCOSUL

Presidente: Senador Roberto Requião

Vice – Presidente: Deputado Mendes Thame

Vice – Presidente: Senadora Ana Amélia

Para maiores informações visite a nossa página:

<http://www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-mistas/cpcms>

Mujica expuso en la tarde de este martes en el cierre de la III Cumbre de países de América del Sur y Países Árabes que se desarrolló en Lima.

En su discurso se refirió a la importancia de la unidad continental, dijo que el verdadero choque entre civilizaciones es por los intereses, abogó por el reconocimiento internacional de Palestina y exhortó a realizar inversiones en América.

"He escuchado hablar mucho de la primavera árabe. Quiero que sepan lo que pienso: hay una primavera de América del Sur. América del Sur está viviendo una primavera como nunca tuvo. Hemos aprendido a conjugar las diferencias. Tenemos diferencias, pero de hecho andamos juntos porque hemos aprendido, a fuerza de mucha derrota y mucho dolor, que nuestras fuerzas se multiplican solo si estamos juntos", dijo el mandatario.

"Tengo frente a mí compañeros de los que me siento orgulloso de tener diferencias. Vengo de la tradición guerrillera y tengo frente a mí a un hombre que viene de una tradición de empresarios, pero que siento amigo porque estamos en un mismo barco", ejemplificó Mujica durante la cumbre. Dijo que en este mundo "no hay piedad para los débiles", aunque reconoció que ello no debería ser así.

"El mundo se está organizando en grandes bloques continentales. ¿O no vemos que China, la India y Europa son grandes Estados multinacionales? Entonces, ¿qué vamos a hacer nosotros divididos?", sentenció.

Por otro lado, Mujica señaló que en alguna instancia se ha dicho que hay "choques de civilizaciones". Pero aclaró que para él "no hay choques de civilizaciones, hay choques de intereses".

"No hay que ser caretas: lo que lleva a los choques es el bolsillo, los intereses, no las civilizaciones", enfatizó.

-Palestina

"Nuestro corazón está con el pueblo palestino. Hay cuestiones de principio: es hora de que el pueblo palestino tenga su historia, su bandera", exhortó el mandatario.

Señaló que la tolerancia hacia adelante es la forma más "fina de inteligencia". La tolerancia es como el olivo, no da frutos a corto plazo, ejemplificó el dignatario.

También expresó que el mundo se está achicando, y que en América Latina está la mayor concentración de recursos naturales.

"Sigán viniendo. Vengan. Una característica de los pueblos latinoamericanos es que somos abiertos. No discriminamos. Somos hijos de la aventura y nos hemos mezclado con pueblos indígenas", recomendó Mujica.

Fonte: <http://www.lr21.com.uy/politica/1064354-presidente-mujica-america-del-sur-esta-viviendo-una-primavera-como-nunca-tuvo>

Representação Brasileira no Parlamento do MERCOSUL

Presidente: Senador Roberto Requião

Vice – Presidente: Deputado Mendes Thame

Vice – Presidente: Senadora Ana Amélia

Para maiores informações visite a nossa página:

<http://www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-mistas/cpcms>

ARGENTINA

PAGINA 21

América latina se contagió

En su informe económico, el organismo dependiente de la ONU estimó un crecimiento menor al antes previsto para 2012, por la desaceleración en Argentina y Brasil. La recuperación será más lenta en el primero, según prevé.

De acuerdo con las previsiones de la Cepal, la Argentina tendrá un crecimiento del 2 por ciento este año y del 3,5 el próximo. Dicho pronóstico, que resultaría inferior al promedio de América latina, fue justificado por funcionarios de la entidad en virtud de "la desaceleración del primer semestre de 2012, que se puede explicar por la reducción de las exportaciones y de la inversión: hubo una contracción muy importante de la inversión en maquinaria, equipo y construcción", señaló Juan Alberto Fuentes, director de la División Económica de la Cepal, frente a una consulta de la agencia DyN.

La proyección de la Cepal –Comisión Económica para América Latina y el Caribe– para 2012 resulta inferior en 1,4 punto a las previsiones oficiales, mencionadas por el viceministro Axel Kicillof ante el Congreso al exponer sobre el Presupuesto 2013. Pero también el cálculo de la Cepal para 2013 es menor que la previsión oficial, incorporada en dicho presupuesto, que alcanza al 4,4 por ciento. En este caso, la diferencia es de 9 décimas.

Fuentes apuntó que "la desaceleración es fuerte si se compara el segundo trimestre de 2012 con el mismo período de 2011: el crecimiento del PBI fue nulo". En cuanto a la baja tasa de crecimiento que el organismo prevé para 2013 en Argentina, el director de la División Económica indicó que "hay cierta inercia que hay que tomar en cuenta".

La Cepal también revisó a la baja la previsión de crecimiento de Brasil, otorgándole en sus pronósticos un crecimiento del 1,6 por ciento para este año, pero un 4 por ciento para el próximo, adjudicándole en consecuencia una capacidad de recuperación mayor que la prevista para la Argentina.

Alicia Bárcena, secretaria ejecutiva de la Cepal, afirmó que "la mejora argentina en 2013 responde a tres factores: el crecimiento de Brasil, que se recupera e impacta; una mejora en la producción agrícola y una flexibilización de las restricciones a las importaciones". La funcionaria detalló que la mejora de la producción agrícola estará vinculada "especialmente con la soja, que tuvo algunos

Representação Brasileira no Parlamento do MERCOSUL

Presidente: Senador Roberto Requião

Vice – Presidente: Deputado Mendes Thame

Vice – Presidente: Senadora Ana Amélia

Para maiores informações visite a nossa página:

<http://www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-mistas/cpcms>

descalabros este año por factores climáticos". En cuanto a su alusión a las restricciones a las importaciones, Bárcena explicó que "han tenido impacto incluso en la propia economía argentina, (aunque) creo que en 2013 habrá una mayor flexibilidad en estas restricciones, y esto va a tener una mejor dinámica en la economía".

Fuentes, sin embargo, relativizó el impacto favorable sobre la economía argentina. "Si bien habría una recuperación por el lado de las exportaciones, tanto en las ventas de soja como en los envíos a Brasil, es probable que haya un mayor rezago en lo que se refiere a la recuperación de la inversión en 2013", señaló el director de la Cepal. Ambos funcionarios, Bárcena y Fuentes, participaron en una entrevista conjunta con la mencionada agencia de noticias por videoconferencia, desde la sede de la Cepal, en Santiago, Chile.

El pronóstico de la Cepal para el conjunto de la región indica un crecimiento promedio para América latina del 3,2 por ciento este año y 4 por ciento en el próximo. Entre los integrantes del Mercosur, Venezuela sería el de mayor crecimiento, con un 5 por ciento este año y 3 en el próximo. Tomando en cuenta toda la región, Panamá resultaría el país con crecimiento más acelerado, dado que viene de tasas de crecimiento del PBI del 7,6 en 2010 y 10,6 en 2011, y en este año alcanzaría al 9,5 y el próximo, al 7 por ciento.

Pese a la desaceleración generalizada de la región, la Cepal admite que "el consumo privado fue el principal motor del crecimiento, gracias a la favorable evolución de los mercados laborales y la expansión del crédito". Siendo, en cambio, el comercio exterior el principal canal de contagio de "la debilidad de la economía mundial".

Fonte: <http://www.pagina12.com.ar/diario/economia/2-204774-2012-10-03.html>

BRASIL DE FATO

"Países desenvolvidos querem a desintegração econômica do Mercosul"

Por: Beto Almeida e Pedro Rafael Ferreira / De: Brasília

Para o diplomata Samuel Pinheiro Guimarães, potencial do bloco sul-americano colide com interesses de controle comercial e industrial dos EUA e da União Europeia sobre a região

Representação Brasileira no Parlamento do MERCOSUL

Presidente: Senador Roberto Requião

Vice – Presidente: Deputado Mendes Thame

Vice – Presidente: Senadora Ana Amélia

Para maiores informações visite a nossa página:

<http://www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-mistas/cpcms>

Contundência. É dessa forma que o diplomata Samuel Pinheiro Guimarães costuma se expressar sobre os temas que bem conhece. Secretário-geral de Relações Exteriores durante sete anos do governo Lula (2003-2009), ele foi uma das vozes mais eloquentes no processo que ajudou a enterrar a Aliança para o Livre



Samuel Pinheiro Guimarães - Foto: Wilson Dias/ABr

Comércio das Américas (Alca) – iniciativa que buscava apagar todas as fronteiras comerciais do continente, num claro favorecimento à indústria norte-americana.

Nessa entrevista exclusiva concedida ao Brasil de Fato, ele volta a atacar o modus operandi dos países centrais do capitalismo na relação com a América Latina. “Os EUA e os países altamente desenvolvidos têm tido, como meta geral de política econômica e diplomacia externa, a eliminação de todas as barreiras ao comércio e ao fluxo de capitais. Ao mesmo tempo, têm advogado a adoção de uma série de normas que impedem qualquer controle sobre o capital estrangeiro”.

Dono de uma sólida formação acadêmica na área jurídica e sociológica, e quadro do Itamaraty há quase 50 anos, Guimarães exerceu até junho desse ano a função de Alto-Representante do Mercosul, sendo articulador das políticas entre os países-membros do bloco. Professor de Economia Internacional na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), ele analisa com propriedade os atuais desafios sul-americanos, especialmente a mudança geopolítica após a entrada da Venezuela no grupo. “Esse ingresso vai proteger o país das tentativas de golpe”, aponta. Sobre o Brasil, o diplomata detecta um perigoso processo de desindustrialização da economia e uma hegemonia do capital internacional no controle dos fluxos de capitais.

Brasil de Fato – Um dos fatos políticos mais importantes do ano para a América do Sul foi a entrada da Venezuela no Mercosul. Qual a importância disso para a geopolítica regional?

Representação Brasileira no Parlamento do MERCOSUL

Presidente: Senador Roberto Requião

Vice – Presidente: Deputado Mendes Thame

Vice – Presidente: Senadora Ana Amélia

Para maiores informações visite a nossa página:

<http://www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-mistas/cpcms>

Samuel Pinheiro Guimarães – O ingresso da Venezuela no Mercosul foi um fato de grande importância, tanto do ponto de vista político quanto econômico. Do ponto de vista econômico, a Venezuela é o país com as maiores reservas de petróleo do mundo, no momento. Além disso, os preços do combustível continuarão altos nos próximos anos. No mais, a Venezuela está engajada, desde que o presidente Chávez assumiu, num processo de desenvolvimento do país, de construção de uma economia nacional. Antes, havia uma economia puramente petroleira, exportando petróleo e importando todo o resto. Ele [Chávez] tem essa determinação. Para os outros países do Mercosul, tudo isso é extremamente importante porque a Venezuela estará disposta a dar uma preferência aos países do bloco no seu mercado interno. Cria-se uma oportunidade importante para os países exportadores de produtos primários (Uruguai e Paraguai) e, ao mesmo tempo, abre seu grande mercado para produtos manufaturados de Brasil e Argentina. A Venezuela pode contribuir de forma muito significativa para reduzir as assimetrias dentro do bloco, através do Focem [Fundo de Convergência Estrutural do Mercosul].

Do ponto de vista político, é importante esse ingresso porque, como é notório, existe o interesse deliberado dos EUA e dos países alinhados aos norte-americanos para que haja uma mudança de regime na Venezuela. Trata-se de um esforço consistente, a nível internacional, tentando retratar o presidente Chávez como um ditador, uma pessoa não confiável, descontrolado e assim por diante. Essa não é a opinião do povo venezuelano. Mas eles conseguiram consenso da mídia internacional, na América Latina e no resto do mundo, de modo que há quase uma convicção de que existiria uma ditadura na Venezuela, que não há liberdade de opinião, etc. A Venezuela no Mercosul a protege de eventuais golpes.

Embaixador, o senhor tem afirmado que há uma meta permanente dos países centrais do capitalismo, capitaneados pelos EUA, de desintegrar o Mercosul. Qual o sentido estratégico desse esforço e o que pode ser feito de forma mais agravante contra a consolidação do Mercosul?

Os EUA e os países altamente desenvolvidos têm tido, como meta geral de política econômica e diplomacia externa, a eliminação de todas as barreiras ao comércio e ao fluxo de capitais. Ao mesmo tempo, têm advogado a adoção de uma série de normas que impedem qualquer controle sobre o capital estrangeiro. Então, por exemplo, os acordos negociados no âmbito da Rodada Uruguia [Acordo comercial internacional, iniciado em 1986, que criou a Organização Mundial do Comércio e estabeleceu redução de subsídios agrícolas] preveem que os países não podem impor certas regras ao capital estrangeiro, como metas de exportação, obrigação de transferência de

Representação Brasileira no Parlamento do MERCOSUL

Presidente: Senador Roberto Requião

Vice – Presidente: Deputado Mendes Thame

Vice – Presidente: Senadora Ana Amélia

Para maiores informações visite a nossa página:

<http://www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-mistas/cpcms>

tecnologia, obrigação de insumos locais. Para esses países, que sediam as maiores empresas multinacionais, isso é conveniente porque eles realizam lucros nos países periféricos e remetem esses lucros para as suas sedes. Sabemos que o banco Santander, recentemente, só não teve prejuízo em nível mundial por causa da sua filial no Brasil. Isso é comum. Por isso, é muito importante esse livre fluxo de recursos porque ele se transforma em dividendos para os seus acionistas e, portanto, para o bem-estar daquela sociedade de origem [dos capitais]. Naturalmente, nunca praticaram isso para o setor agrícola. É livre comércio para produtos industriais e não para produtos agrícolas, porque não aceitam [a concorrência com os exportadores agrícolas]. Eles também protegem setores da sua indústria que desejam proteger.

Então, diante de qualquer acordo econômico que estabeleça preferências para as empresas que estão situadas dentro do território daquele agrupamento, como é o caso do Mercosul, eles não são favoráveis. Para isso, utilizam a ideia do regionalismo aberto, em que pode haver processo de integração, mas seria importante negociar com a União Europeia, os EUA. Na época da negociação da Alca havia uma ideia de que o Mercosul seria um dos blocos de construção da área. O Mercosul se acabaria com a Alca, por uma razão lógica: a partir do momento que se eliminam as tarifas, não há mais preferência. Eles também receiam as preferências para as empresas que estão dentro do bloco, eles querem que isso não ocorra. O ideal melhor desses países não é investir, é exportar. Eles só investem na China porque lá se estabelecem condições.

O senhor acredita que esse potencial do Mercosul já foi percebido por seus "inimigos", mas talvez os protagonistas ainda não tenham notado a importância de consolidá-lo, politicamente, através, por



Os presidentes Hugo Chávez (Venezuela), Dilma Rousseff (Brasil), José Mujica (Uruguai) e Cristina Kirchner (Argentina) - Foto: Wilson Dias/ABr

Representação Brasileira no Parlamento do MERCOSUL

Presidente: Senador Roberto Requião

Vice – Presidente: Deputado Mendes Thame

Vice – Presidente: Senadora Ana Amélia

Para maiores informações visite a nossa página:

<http://www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-mistas/cpcms>

exemplo, de um sistema de comunicação mais adequado, que desse um nível de consciência cultural da importância histórica dessa integração?

É verdade. Principalmente no maior deles, que é o Brasil. Não há essa consciência, apesar do Mercosul ser um mercado extremamente importante para o nosso país. Em primeiro lugar, porque o Brasil tem sua pauta de exportações, para a Europa, a China, focada nos produtos primários. Os países para onde o Brasil vende produtos manufaturados são os do Mercosul e da América do Sul, e os Estados Unidos. Nesse último caso, cumpre esclarecer, é por causa do comércio "intra-firma". As filiais americanas daqui vendem para as suas unidades nos EUA, mas essas mesmas filiais não exportam para a China nem a Europa. O Brasil só exporta como Brasil quando são as empresas estatais. O restante das importações são empresas privadas que estão no país, mas não são nacionais [em termos de capital]. As pessoas não sabem o que é a questão do comércio dentro da firma. A Fiat do Brasil exporta para Itália uma quantidade x de automóveis, o mesmo acontece em outros casos. São poucas as empresas nacionais que fazem investimentos na Argentina, Uruguai, Peru, Chile. É o caso da estatal Petrobras ou os bancos, como o Itaú. Claro que a Ford do Brasil não investe na Argentina. Lá, é a Ford dos EUA que investe. Um problema complexo, de longo prazo, é a presença das megaempresas multinacionais no Brasil sem a possibilidade de controlá-las, a qual o Brasil abdicou na reunião da Rodada do Uruguai.

Mas em que isso fragiliza o Brasil?

Não se pode diversificar as exportações. A grande presença das empresas multinacionais, sem maiores obrigações, faz com que elas exportem apenas para onde elas decidem exportar. Qualquer campanha ou tentativa de expandir exportações para a China é frustrada porque elas não vão exportar, ou porque já estão lá e não vão concorrer com elas mesmas, ou porque decidem abastecer a China, digamos, partir de outra unidade. Isso afeta todo o comércio exterior na área de manufatura. Muitas empresas de capital nacional trabalham com tecnologia estrangeira, mas mediante condições. Por exemplo, a empresa pode produzir no país, mas não pode exportar.

A Embraer seria uma delas?

Não. Mas, veja, a Embraer, que é uma montadora, não pôde exportar aviões para a Venezuela porque as firmas norte-americanas que iriam fornecer as peças não forneceram. Mas pôde exportar para a Colômbia, uma decisão política para exportar para aquele país e não para outro.

Representação Brasileira no Parlamento do MERCOSUL

Presidente: Senador Roberto Requião

Vice – Presidente: Deputado Mendes Thame

Vice – Presidente: Senadora Ana Amélia

Para maiores informações visite a nossa página:

<http://www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-mistas/cpcms>

Isso prejudica o comércio exterior, porque o processo de desenvolvimento é de acumulação de capital. Não de capital financeiro, mas de capital físico. Como uma empresa se desenvolve? Aumentando suas instalações, suas máquinas e assim por diante. De uma forma geral, para acumular o capital físico, tem que gerar excedentes, os lucros. Esse lucro tem dois destinos: são distribuídos, sob a forma de dividendos, aos acionistas daquela empresa ou são reinvestidos na compra de equipamentos. Se a empresa é nacional, em princípio, ela distribui dividendos para brasileiros e investem no Brasil. Se a empresa é estrangeira, obtém lucro e distribui dividendos aos acionistas estrangeiros e, apenas eventualmente pode aumentar ou não seu capital físico no Brasil.

Mas isso não decorre de uma alteração constitucional feita sobre empresa brasileira?

Sim. Durante o período do presidente Fernando Henrique Cardoso (FHC), “preocupado” com os destinos da empresa nacional [ironiza], resolveu igualá-la a empresa multinacional. Isso é uma coisa gravíssima. Claro que se pode utilizar o capital estrangeiro para induzir a transferência de tecnologia, diversificação das exportações, criação de tecnologia dentro do país. Na China, há centenas de centros de pesquisa de desenvolvimento de empresas multinacionais, induzidas pelo governo. No Brasil, isso não ocorre.

Para legitimar o fiasco regional, existe um jornalismo de desintegração. O que nos impede de fazer o jornalismo da integração?

Dois dos mais importantes instrumentos de influência política das grandes potências são o setor financeiro e o de comunicações. São fundamentais. O setor de comunicações é o que faz o imaginário das pessoas. Fazem com que elas acreditem, por exemplo, que o presidente Chávez é um ditador. E muitas outras coisas. O Iraque foi atacado a pretexto de possuir armas de destruição em massa, mas verificou-se que isso não existia. Nesse caso, é importante até imitar os EUA no passado, isto é, impedir os monopólios e oligopólios nos meios de comunicação, democratizar as verbas oficiais de publicidade do Estado. Algo que a Argentina também fez, com a Lei de Meios. Isso permitiria haver concorrência nos meios de comunicação, o que não há no Brasil. Como está, a comunicação é um instrumento importante de exercício de poder da classe hegemônica local que está vinculada a classe hegemônica dos países altamente desenvolvidos.

Representação Brasileira no Parlamento do MERCOSUL

Presidente: Senador Roberto Requião

Vice – Presidente: Deputado Mendes Thame

Vice – Presidente: Senadora Ana Amélia

Para maiores informações visite a nossa página:

<http://www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-mistas/cpcms>

Não se sabe, por exemplo, que a Venezuela tem hoje o maior salário mínimo da América Latina, o equivalente a R\$ 2,1 mil e a Argentina, o equivalente a R\$ 1,4 mil.

Sobre isso, se silencia. E vão se criando uma série de factoides, ou seja, situações que não existem além de ocultar outras questões importantes.

Voltando ao tema da economia, está em curso um processo de desindustrialização do Brasil?

Não tenho a menor dúvida. Quase todos os economistas estão de acordo com isso. Há um processo que tem uma dinâmica própria, que deriva de dois fatos. O primeiro é a emergência da China e sua enorme importância por produtos primários. Esse fato está diretamente ligado à necessidade de divisas do Estado, porque não equilibra o balanço de pagamento senão entrarem recursos, se não entrar capital. Como se tem enorme dificuldade em expandir o comércio de manufaturados, o comércio de matéria-prima acaba sendo direcionado para a China, o que torna atividade do agronegócio e da mineração altamente lucrativa. Do outro lado, a China tem necessidade de exportar manufaturados, dos produtos mais simples aos mais complexos, como bens de capital. A China tem deslocado a posição dos EUA e da Alemanha no fornecimento de bens de capital para o Brasil e a Argentina, porque os preços [chineses] são mais baratos. Isso entra em competição com indústria instalada no Brasil. Contribui para reduzir os lucros dessa indústria, que começa a importar insumos para reduzir seus custos e depois acaba simplesmente importando e distribuindo o produto estrangeiro. Europa e EUA também procuram exportar manufatura porque precisam gerar divisas e criar empregos lá. Os EUA tem tido superávit grande com o Brasil. Ano passado, a vantagem comercial foi de oito bilhões de dólares. Isso contribui para tornar a atividade industrial no Brasil menos lucrativa e o agronegócio e a mineração, ao contrário, atividades mais lucrativas. Inclusive porque com a política cambial e o influxo de dólares, o real está supervalorizado, então é muito fácil exportar, mas difícil importar. É uma dinâmica com interesse internacional muito forte. Na área do agronegócio, as exportadoras são multinacionais. Não é o produtor de soja que exporta. A Cargill, Dreyfus, a Bunge... as cotações da soja estão altíssimas e quem se apropria disso são as multinacionais. Teria que haver um imposto de exportação para usar esse recurso, para duas finalidades, em minha opinião. A primeira seria promover o processamento das matérias-primas no Brasil. O que acontece com a soja que vai para China? É transformada em farelo, óleo de soja, então teria que se promover a transformação aqui. O minério de ferro que vai para a China é transformado em aço que nós compramos sob a forma de trilha. Para isso, precisa de atuação do governo.

Representação Brasileira no Parlamento do MERCOSUL

Presidente: Senador Roberto Requião

Vice – Presidente: Deputado Mendes Thame

Vice – Presidente: Senadora Ana Amélia

Para maiores informações visite a nossa página:

<http://www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-mistas/cpcms>

Esse modelo não tem sido estimulado pelo próprio governo? Como o senhor avalia essas medidas recentes de concessão de rodovias e ferrovias, justamente em ramais que favorecem a economia agroexportadora?

Eu não estudei a questão das concessões em detalhes. Mas, tendo em vista a demanda que existe por esses produtos, não se pode simplesmente, por causa das restrições de balanço de pagamento, deixar de construir esse tipo de infraestrutura. A hipótese é que se precisa construir rodovia, até por causa do próprio desenvolvimento do mercado interno, porque não se transporta só produtos do agronegócio, mas todo tipo produto. Com a ferrovia, é a mesma coisa. A premissa é se o Estado vai ter empresas construtoras de ferrovias e rodovias ou se vai contratar a iniciativa privada. E se contratar a iniciativa privada, ela será nacional ou estrangeira?

Se for nacional ou estrangeira, definir quais serão as condições, o lucro que se pretende. Para constituir o mercado interno, é necessário construir as redes de comunicações, com ferrovias, rodovias, metrô, portos, até para permitir que a economia funcione. Não se pode prescindir. Se a economia cresce e a rede física não expande, gera problemas graves, como congestionamento de portos e aumento de custos de produção.

O senhor tem escrito muito acerca da relação complexa do papel das empresas brasileiras nos outros países no curso de uma integração. E também da política externa brasileira, que facilitou e fortaleceu a presença brasileira na Ásia, no mundo árabe, na América do Sul e até na África. O papel das empresas brasileiras contraria interesses dos países nessas regiões?

Acho que isso se aplica mais à América do Sul, ainda tendo em vista que o número de empresas brasileiras com capacidade para operar fora é relativamente reduzido. Poderíamos citar a Petrobrás, Vale, o setor bancário. Por isso, essa expansão das empresas brasileiras se dá na zona mais próxima, na América do Sul, através da aquisição de empresas locais, situações que poderiam gerar conflito entre empresas brasileiras e governos, como já houve em alguns casos e podem se agravar e levar a casos delicados politicamente.

Mas qual seria o papel possível, dentro de uma regra capitalista, para o Estado brasileiro impedir que as empresas cedam à tentação de um sub imperialismo?

Representação Brasileira no Parlamento do MERCOSUL

Presidente: Senador Roberto Requião

Vice – Presidente: Deputado Mendes Thame

Vice – Presidente: Senadora Ana Amélia

Para maiores informações visite a nossa página:

<http://www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-mistas/cpcms>

Eu acho que podem ser estabelecidas condições preferenciais. Por exemplo, não acho que o governo brasileiro deve financiar a aquisição, por empresas brasileiras, de empresas dos outros países. O governo pode estimular um comportamento diferente, de financiar a formação de associação com empresas locais. Aí o governo dá juros mais baixos, linhas de créditos especiais. A diferença de tamanho da economia brasileira é tal em relação aos outros países vizinhos que a penetração de capital brasileiro nesses países é extraordinária. Na Argentina, hoje em dia, a presença do capital brasileiro é muito grande, no setor bancário, setor do petróleo, mesmo no setor de frigorífico, a presença é muito importante. Tudo isso faz com que, se o governo local decide, por exemplo, mudar a legislação de remessas de lucros, as empresas brasileiras vão ser afetadas por isso, vão querer influir sobre o governo local. Se não tiverem êxito, vão pedir auxílio ao governo brasileiro. É uma tendência muito grande. A tendência não é haver um influxo de empresas equatorianas ou peruanas no Brasil.

Há 30 ou 40 anos, Brasil e China estavam em uma situação parecida em diversas áreas. Mas, de lá para cá, a China, que não tinha programa espacial, atualmente já lançou nave no espaço. Não havia programa nuclear, hoje isso é bastante desenvolvido por lá. O Brasil não avançou quase nada nesses dois setores. Qual a explicação histórica para isso?

Houve opção por um tipo de política econômica, especialmente a partir do governo Fernando Collor de Mello. Essa escolha de política econômica foi baseada, inclusive, nos princípios que estão consolidados no chamado Consenso de Washington. Havia a ideia de que o Estado seria a grande causa dos problemas que afligiam a economia brasileira, na área da dívida externa, inflação, entre outras. Esse consenso dizia, em primeiro lugar, que o Estado deveria abdicar de qualquer atividade econômica e industrial, o que refletiu um programa de privatização. Todas as atividades de produção deveriam ser privadas, não apenas a área produtos de consumo, mas todas. Não privatizaram todo o setor de energia porque não tiveram oportunidade. Em segundo lugar, o Estado também interferia na atividade econômica através de "regulamentos excessivos", então deveria desregulamentar, ou seja, deixar as empresas "livres" para que, através do jogo das forças de mercado, houvesse melhor alocação possível de recursos. Três, deveria haver abertura da economia para o exterior. O Estado deveria deixar de interferir no comércio exterior, de preferência eliminando todas as tarifas [alfandegárias].

O que ocorreu com a China, comparativamente, é que o Estado participou e organizou o processo de desenvolvimento econômico. Houve participação do capital estrangeiro, mas de forma

Representação Brasileira no Parlamento do MERCOSUL

Presidente: Senador Roberto Requião

Vice – Presidente: Deputado Mendes Thame

Vice – Presidente: Senadora Ana Amélia

Para maiores informações visite a nossa página:

<http://www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-mistas/cpcms>

disciplinada, sob um modo de ver o sistema econômico. Uns acham que para um país subdesenvolvido se desenvolver, a presença do Estado é essencial, com o fortalecimento da sua estrutura produtiva, suas empresas, assim por diante. Outros achavam que não, que isso ocorreria naturalmente, a transferência de tecnologia aconteceria sem maiores problemas. Começou no governo Collor, foi freada na gestão Itamar Franco, mas aprofundada no governo Fernando Henrique Cardoso. Com o presidente Lula, essa política foi, aos poucos, sendo modificada. Quando se toma o programa como o Bolsa Família, trata-se de aperfeiçoamento da mão-de-obra porque, do ponto de vista econômico, faz com que as crianças tenham que ir para a escola, faz com que haja programa de saúde, controle de pré-natal, vacinas. Também houve impacto no mercado de consumo, aumento de demanda por produtos. O Programa Luz para Todos também estimulou isso. Onde não há luz, não há produto industrial. Vale citar os programas de crédito e os esforços na área de infraestrutura. Havia 20 anos que o Brasil não construía uma refinaria. Houve uma mudança progressiva em várias áreas.

Mas o modelo econômico permanece o mesmo.

Sim, porém essa pressão tem que vir dos movimentos sociais. Se os movimentos não pressionam, as classes hegemônicas pressionam do outro lado, porque têm acesso mais fácil ao governo. Se não se faz pressão popular por outro modelo econômico, ele não vai ocorrer.

Fonte: <http://www.brasildefato.com.br/node/10781>

Representação Brasileira no Parlamento do MERCOSUL

Presidente: Senador Roberto Requião

Vice – Presidente: Deputado Mendes Thame

Vice – Presidente: Senadora Ana Amélia

Para maiores informações visite a nossa página:

<http://www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-mistas/cpcms>